

» RICARDO DAEHN

“Um festival maravilhoso”: assim é a percepção da cineasta Rochane Torres, ao analisar o 54º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, que chega à reta final, na noite de hoje, com encerramento e premiação. Diretora concorrente, pelo longa *De onde viemos, para onde vamos*, ela ansiava pela versão presencial do evento, com troca de energia e de experiências diretas com a tela do Cine Brasília e mesmo com os colegas cineastas. “Mas, a edição on-line trouxe questões positivas: pudemos acompanhar tudo, com mais facilidade na hora de montar um cronograma para prestigiar os filmes. Houve debates, e achei ótimo o Festivalzinho — destinado a crianças — apresentar *O menino e o mundo*”, analisa a diretora que, no longa que conduz, habilitado para premiações do troféu Candango, trata de temas indígenas.

Na festa de hoje (que pode ser conferida, a partir das 20h, na plataforma *play.innsaei.tv*), 46 prêmios Candango entram em cena para serem distribuídos. Murilo Rosa e Maria Paula Fidalgo responderão pela apresentação da festa.

“O festival é rico, faz história e conta história. Há o compromisso com o cinema, com a história e com o Brasil. É um festival que tem vida longa, por ser consagrado. Achei fundamental a discussão do tema O Cinema do Futuro e o Futuro do Cinema, repleta de questões conceituais e de linguagem”, elogia Rochane. Temas coerentes com a proposta do festival mobilizaram Rochane: “Muito se discutiu sobre as diferenças, sobre as inclusões e as exclusões sociais no mundo contemporâneo”. O colega Gustavo Rosa de Moura, que defendeu *Ela e eu*, exibido na última sexta, endossa a visão. “A diversidade da programação foi o que mais curti nessa edição do festival. Adorei a curadoria do evento. Mesmo na competição de longas, que tem só seis filmes, a seleção foi muito diversa e interessante, com filmes fortes e bem diferentes entre si”, opinou.

Na extensa programação, a diretora Anna Azevedo (concorrente por *Saudades do futuro*) conta da arrebatadora sessão em que pode rever ao clássico *O país de São Saruê*, de Vladimir Carvalho, — filme que completa 50 anos de lançamento e 20 anos de restauração. “Eu não me lembrava do quão rica é a trilha sonora do filme. Ouvir o realizador Vladimir Carvalho é sempre uma vacina que nos energiza e nos faz querer filmar, apesar de tudo, e sempre. Houve, ainda, a homenagem à professora e escritora Lucília Garcez (falecida esposa do diretor), o que também me deixou muito emocionada, uma profissional que eu admirava profundamente”, cometa Anna Azevedo.

Presente nas filmagens, Paraíba adentro, do longa *Dois sertões* (no qual faz a produção executiva), o diretor Daniel Leite Almeida, competidor aos prêmios Candango (pelo longa *Alice dos Anjos*), acompanhou, como pode, o Festival de Cinema. “Assisti ao curta *Ocupação*, que trata sobre consciência coletiva e ainda ao *Terra nova*, feito sobre a pandemia, e que me deixou angustiado, dada a desgraça que nós, brasileiros-artistas, passamos nos últimos meses. Deu tempo de conferir *Saudades do futuro*, que achei belíssimo. Um filme sobre saudades que perpassa desde lugares da subjetividade e do luto, como também questões sociais, num lugar que chega à universalidade: saudades das mulheres portuguesas pelos entes que se perderam no mar, ou dos povos indígenas que perderam suas terras, ou das mães que perderam seus filhos pela violência policial”, observa o diretor.

Diretores ligados ao terreno das artes plásticas, tanto Luis Jugmann Girafa (do longa *Acaso*, incluído ainda na competição da Mostra Brasília) quanto Lucas Bambozzi (do longa *Lavra*) projetam para o futuro o desdobramento da passagem pelo Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Fotógrafo e artista plástico, Girafa vai intercalar o dia a dia, com a demanda das exposições, junto com a perspectiva de um próximo filme, mas que, com análise e aval de roteiro até mesmo de Carlos Reichenbach (morto em 2012), se projeta com formato de produção mais profissional. Vale a lembrança de que *Acaso* foi criado a partir de um investimento de aproximadamente R\$ 25 mil, na maioria, saídos do bolso do diretor.

Agência Brasília/Arquivo



Prêmios do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro: os troféus Candango

TUDO PRONTO PARA A FESTA DO CANDANGO

FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO, EM 54ª EDIÇÃO, CHEGA À RETA FINAL, COM A PREMIAÇÃO NA NOITE DE HOJE

Mais um ano de Saruê

“O prêmio Saruê voltou”, celebrou entre os amigos, o artista plástico Galeno que, seguindo tradição junto ao **Correio Braziliense**, homenageia o cinema nacional, por meio da confecção (e entrega) do troféu Saruê. Em votação junto a repórteres do **Correio**, o Saruê é reservado ao melhor momento do festival. Ao falar de cinema, Galeno remete à época em que engraxava sapato para ter o bolso repleto de moedas, a fim de comprar ingressos. “Eu pegava meu ônibus, e ia ser feliz, no cinema. Se fosse o caso, varria o chão para entrar de graça

na sala”, conta o artista, atualmente radicado no Delta do Parnaíba (Piauí). Uma escultura com articulação para balançar expressa a execução do lado lúdico de Galeno. “No momento, com o mundo da pandemia, quis interagir com a doença, em termos de obra. O



Saruê, o prêmio do Correio

troféu remete ao momento: são dois carretéis que podem representar máscaras ou roupas, junto a varau”, explica Galeno.

O varau de roupa retratado está ligado à infância de Galeno. “Faz parte da minha construção de vida, na periferia. Já o cinema faz parte de uma forma como adquirir conhecimento. No troféu, há interpretações abertas, pode remeter à tela de cinema ou mesmo dos negativos”, observa o artista que confecciona o troféu Saruê.

Exibido há uma semana na noite competitiva, o longa *Lavra*, em torno da predatória exploração do extrativismo mineral, de Lucas Bambozzi, também ecoará em novos frutos para fortuna crítica. “Pretendo desenvolver uma versão do

filme *Lavra* na forma de instalação artística, privilegiando os aspectos mais sensoriais do filme, as paisagens mutiladas e o desolamento visual. Ainda não há um espaço ou instituição definida, mas pretendo, junto com os produtores do longa,

DIRETORES (AS) CONCORRENTES



Rochane Torres



Anna Azevedo



Luis Jugmann Girafa



Daniel Leite Almeida



Gustavo Rosa de Moura



Lucas Bambozzi

Segundo lugar em jogo

» PEDRO IBARRA

A tão aguardada temporada de premiações do cinema chegou e, para dar início a corrida dos filmes em busca do Oscar, as premiações Globo de Ouro e Critics Choice Awards revelaram os indicados de suas edições de 2022. Ambas serão realizadas em 9 de janeiro e premiam o que há de melhor na televisão e no cinema no último ano.

O Critics Choice Awards separou a premiação em duas listas. No cinema, *Belfast*, o filme autobiográfico de Kenneth Branagh, e *Amor, sublime amor*, regravação do clássico da Broadway dirigida por Steven Spielberg, foram os mais indicados com 11 categorias cada. Em tevê, *Succession* foi a grande produção tendo sido indicada sete vezes só em atuação, além de disputar a categoria principal de Melhor série de drama.

Succession também é destaque na premiação de televisão do Globo de Ouro. A série concorre a cinco prêmios e a história da família Roy

na disputa pelo poder do grande conglomerado de comunicação Waystar Royco é a principal favorita para todas as categorias. Em cinema, *Ataque dos cães*, drama ambientado na zona rural, da diretora neozelandesa Jane Campion, foi o grande destaque com seis indicações.

Nas categorias de séries de comédia das duas premiações, *Ted Lasso* foi hegemônico. Após ter conquistado tudo que podia no Globo de Ouro e no Emmy de 2021, a série vem com o lançamento da segunda temporada.

Contudo, as indicações foram abafadas pela intensa competição dos dois eventos. O Globo de Ouro ocupava o posto de principal premiação antes do Oscar. Porém passou por duras críticas em decorrência da associação majoritariamente branca de votantes, além de casos graves de corrupção. Com isso, a NBC, emissora que detém os direitos do prêmio, resolveu não transmitir o evento em 2022. O Critics Choice Awards decidiu aproveitar o vácuo para marcar a cerimônia, essa, sim, televisionada para o mesmo dia do anúncio



Estatuetas do Globo de Ouro

dos vencedores da premiação concorrente.

A disputa ocorre em razão de que os dois eventos são regidos por associações de críticos especializadas. O Globo de Ouro é realizado pela Associação da Imprensa Estrangeira de

Hollywood (HFPA na sigla em inglês); o Critics é feito pela Associação de Críticos Americanos e Canadenses. Os críticos norte-americanos tentam provar que possuem mais poder e relevância que os estrangeiros.